

“Era uma vez Erês...”¹

Emilena Sousa dos Santos
Mestranda em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA)

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise qualitativa das informações produzidas pela imprensa escrita sobre o Orixá Ibeji e o estado-de-erê. O objetivo principal é identificar como o orixá Ibeji e o estado-de-erê são apresentados pela mídia à sociedade. O método utilizado para aprofundamento das mensagens é a análise de discurso. O estudo consiste na abordagem de dois jornais (A Tarde e Correio da Bahia) em função da frequência e da forma como a mídia tem destacado o tema, sobretudo, por serem jornais de grande circulação em Salvador. Nessa perspectiva, jornal exerce função de museu de informação e discurso de objeto cultural, à medida que tradição, devoção e festa fundem-se e passam a fazer parte do contexto sócio-cultural da cidade.

Palavras-chave: Ibeji. Erê. São Cosme e São Damião. Sincretismo.

Abstrat

This paper presents a qualitative analysis of the information produced by press on the Orisha Ibeji and state-of-erê. The main objective is identify how the orisha Ibeji and state-of-erê are presented by the media society. The method used to further the message is the analysis of speech. The study is the approach of two newspapers (The Evening and Courier Bahia) in the frequency and the way the media approached the subject, mainly because they are major newspapers in Salvador. From this perspective, Newspaper role of the museum has information and discourse of cultural object, as that tradition, devotion and celebration merge and become part of the socio - cultural city.

Keywords: Religion. Ibeji. Ere. Cosme and St. Damião. Syncretism.

Introdução

O presente texto propõe um exame do discurso sobre as práticas religiosas afro-baianas, veiculados nas notícias de jornal. A intenção é produzir uma leitura crítica que

¹ Título de Reportagem do *Folha Literária* – Informativo da Fundação Pedro Calmon e da Empresa Gráfica da Bahia. n.º 13 – Ano 01/07/ 17 de outubro de 2007.

interprete e contextualize os usos e os sentidos de palavras significativas que aparecem de formas recorrentes nas matérias. Os anúncios aqui trabalhados possibilitam leituras e considerações diversas localizadas de diferentes maneiras, amparada em uma análise textual, atentando para o conteúdo das narrativas, títulos, “enfim o que a notícia revela e silencia”².

Tendo em vista que existe escassez bibliográfica pertinente ao tema, em 2007 fiz levantamento bibliográfico para verificação da existência de publicações referente ao assunto, sendo inicialmente encontrados e consultados: *Candomblés da Bahia* de CARNEIRO, Edson, autor que descreve o ritual de Ibeji nos Terreiros da Bahia; Dissertação de Mestrado do Antropólogo SERRA, Ordep, intitulado *Na Trilha das Crianças*, que versa sobre o culto de Ibeji no Terreiro Tanuri Junçara; *Candomblé da Bahia: rito nagô* de BASTIDE, Roger, obra que detalha brilhantemente no capítulo “*Estrutura do êxtase*” – o estado-de-erê e sua importância para o contexto religioso; *Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África* de LIMA, Vivaldo da Costa, trabalho referência para quem estuda o culto de Ibeji no Brasil e na África, dentre outras publicações.

Para o antropólogo Ordep Serra, existem muitos artigos publicados sobre o tema, no entanto pesquisas sistemáticas são quantificáveis. Segundo autor, é necessário mergulhar mais profundamente no candomblé para compreender os erês. “A maioria dos antropólogos tem maior interesse pelas grandes festas”³.

Tentando buscar mais informações acerca do tema e ampliar as fontes, escolhi o jornal como fonte de pesquisa. Nesse enfoque investigativo, imprensa situa-se como locus privilegiado no que concerne à compreensão do tema e, principalmente sua configuração no cenário social. “Como fonte de pesquisa os jornais são produtos sociais fascinantes e complexos, depositários de anseios, perplexidades, posições e representações”⁴.

Foram registrados jornais (A Tarde) entre 1976 e 2008 e apenas um exemplar do Correio da Bahia de 2004, para que possa ser analisada a forma - sob que perspectiva o

² SANTOS, 2009, p. 18.

³ Jornal A Tarde – Salvador, 27 de setembro de 2003.

⁴ SANTOS, 2009, p. 24.

ritual – como o tema era tratado nesse período e comparar com as abordagens atuais, sobretudo evidenciar o espaço que a mídia impressa ocupa na construção da imagem e do conceito que se tem sobre o orixá Ibeji, estado-de-erê e os santos São Cosme e São Damião.

Notamos no decorrer do texto uma mudança expressiva da progressiva veiculação dos textos sobre Ibeji e Erê, na maioria das vezes associado ao “velho” discurso do sincretismo, tradicionalmente instigado pela igreja católica e explorado pela mídia local. Os termos depreciativos utilizados na caracterização do candomblé pela imprensa contribuem para a construção de estereótipos acerca da religião e dos fenômenos analisados (Ibeji e Erê).

A seguir será analisado como os Jornais A Tarde e Correio da Bahia veiculam notícias referentes ao Orixá Ibeji e estado-de-erê. Tradição singular que abrange devoção e festa. Celebração complexa e sincrética, embutida em laços de famílias e santos, obrigações e devoções. Festa rica em dança, cantos, culinária, arte, infância e ludicidade cultural.

O dia da festa deles⁵

Em 27 de setembro de 1976 o A Tarde publica: *Terreiros e Igrejas da Bahia fazem hoje a festa dos santos gêmeos, Cosme e Damião*. A apresentação logo nos remete ao sincretismo presente na tradição. Conforme reportagem, o sincretismo religioso determina o oferecimento do “caruru dos meninos” nas residências e nos Terreiros de Candomblé. O registro dar maior destaque à celebração, o dia e o histórico dos santos católicos. Já Ibeji é definido como:

Orixá com características infantis, não muito conhecido, um dos cinco irmãos de origem nagô considerados pelos adeptos da seita, como o protetor do lar, do parto e da meninada. De todos eles os mais conhecidos são Dou e Ibeji, porém grande parte da população acredita que ao todo eles são: Cosme, Damião, Dou, Crispim e Crispiniano. Os dois orixás como os outros três são semelhantes na maneira de ser e causam uma enorme confusão em torno de Cosme e Damião (santos católicos canonizado) e os erês – que também não são orixás e sim

⁵ Trecho música entoada pelos devotos de São Cosme e São Damião e Ibejis.

entidades intermediárias, como é Exu (JORNAL, A TARDE, Salvador, 27 de setembro de 2006).

A descrição no início da frase descreve os Ibejis como sendo apenas cinco. A maioria dos entrevistados revelaram que, são nove os Ibejis ou mais. O Babalaxé Reinaldo Cruz Omon Tiaquim⁶, afirma: “*existem vários Ibeji, Yansã teve vários filhos, os africanos trouxeram pra o culto brasileiro nove Ibejis ou mais...*”. Com a lista dos cinco nomes a nota confunde os Ibejis e sua contraparte católica, embora no final seja exposta a fusão que existe entre os santos e o estado-de-erê.

A reportagem é finalizada com o subtítulo: “*O que é o culto*” com a seguinte informação:

O culto aos santos gêmeos, São Cosme e São Damião representa uma assimilação à hagiologia católica e ao folclore já enraizado na alma do povo baiano, mantendo apesar da descaracterização que está existindo no candomblé, como uma tradição viva (JORNAL, A TARDE, Salvador, 27/09/2006).

Um fenômeno que foi “natural” na cidade, fruto de uma reinterpretação cultural e histórica do povo negro é tratado de forma degradativa. A tradição afro-brasileira é criticada no que diz respeito à convivência religiosa entre as religiões no contexto sócio-cultural contemporâneo. A religião é tratada não na perspectiva de uma tradição resignificada, mas como uma prática animista, folclorizada, definida no artigo como seita.

Outro dado bastante explorado pelos jornais refere-se à carestia dos produtos utilizados no preparo da tradicional devoção no período do “Caruru”. Nesse sentido, a ênfase maior é no aspecto econômico, percebemos isso lendo o seguinte fragmento: “*Muitas promessas deixaram de ser cumpridas este ano devido à carestia e quem tinha a tradição de oferecer caruru a São Cosme adiou ou reduziu a festa*”.

A mesma matéria expõe mais informações relativas aos preços elevados dos produtos:

A devoção a São Cosme e São Damião no Brasil, em especial na Bahia foi introduzida pelos portugueses, fundindo-se no sincretismo religioso com os Ibejis, representado nos pegis por objetos em miniaturas como cabaças, panelas, quartinhas com mel, guaraná entre outros. Entre os baianos, os santos têm uma grande força como milagreiros, sendo comum que diante das dificuldades de qualquer ordem sejam prometidos carurus em pagamento pelas

⁶ TIAQUIM, Reinaldo Cruz Omon. Salvador. Entrevista concedida em 03de novembro de 2008.

graças alcançadas prática que vai se tornando difícil de concretizar por causa da carestia (JORNAL, A Tarde – Salvador, 27/09/1981).

Com análise das reportagens percebemos que o culto a São Cosme e São Damião e aos Ibejis ainda é mantido por laços de família, isso é comprovado quando lemos o trecho: “*Antes mesmo de fazer suas próprias promessas a São Cosme e São Damião, a ialorixá Gilvânia Viana, 53 anos foi prometida por sua mãe já falecida. Após a morte de sua mãe Gilvânia assumiu a obrigação de dar o Caruru*”, ou seja, é uma obrigação que passa a fazer parte da vida do religioso.

A devota assegura: “*Minha mãe na barriga dela já me prometeu, porque ela teve os dois primeiros bebês e perdeu. Aí ela disse a São Cosme que se ele me criasse ela ia dar caruru todo ano. Então desde a barriga da minha mãe que eu fui prometida*”⁷. A religiosa acredita ter sido a proteção dos santos que a fez sobreviver. É comum encontrar entre os fiéis a crença de que os santos meninos cuidam das crianças, principalmente as gêmeas, desde a infância até a adolescência.

Outro exemplo é o da aposentada Maria José Lima Costa, de 86 anos que começou a tradição do caruru após pedido de cura para o marido, que havia caído doente do esôfago. Praticamente desenganado pelos médicos, ele encontrou tratamento após a promessa feita por ela. “*São eles que me dão saúde e enquanto eu tiver viva vou continuar dando o caruru*”⁸.

A reportagem “*Devoção de sete meninos*” de 26 de setembro de 2xxx” é histórica, registra a devoção e celebração da Paróquia dos Santos católicos no Bairro da Liberdade:

Em 26 de setembro de 1942, a tradicional legião de devotos de São Cosme e Damião caminhava em procissão pelas ruas da Liberdade, pela primeira vez se viu ali um padre negro. Levando aquele povo de origem africana os ensinamentos sobre a vida e o martírio dos santos irmãos. Atrás centenas de católicos se misturavam aos filhos e filhas-de-santo, acompanhando a imagem sacra pela antiga Rua Lima e Silva, passando pela Lapinha, em direção à Soledade, como ainda hoje reza a tradição. No dia seguinte, 27 de setembro, dia destinado aos santos pelos devotos do candomblé, todos se reuniram novamente, em um terreno baldio, cedido por um velho imigrante espanhol, já falecido. [...] Desde então, brancos e pretos da Bahia, católicos e adeptos do Candomblé, todos passaram a festejar juntos, nas ruas da Liberdade, o dia dedicado aos santos irmãos, a São Cosme e São Damião. (JORNAL, A Tarde, Salvador, 26/09/2xxx)

⁷ Jornal A Tarde - Salvador, 27/09/2xxx, Reportagem: “*Personagens lendários do catolicismo popular*”.

⁸ Jornal A Tarde – Salvador, 27/09/2008.

Tradição iniciada em 1940 pelo padre Gaspar Sadoc quando ainda jovem (25 anos) comandava a reverência católica aos santos na Liberdade. Sacerdote demonstra na reportagem respeito e tolerância à religiosidade de matriz africana quando se refere à primeira procissão para os santos – trajeto que fez do bairro da Liberdade ao bairro de São Caetano e Calabetão, quando garante: “*Foi no Calabetão lá a primeira vez que vi um batuque arrojado de candomblé. Cheguei e tava aquele povo todo no terreiro, dando santo e tudo mais. [...] Eu vivi sete anos ali, muitos felizes*”. E em relação ao caruru, Sadoc admite que até gostava e chegava mesmo a se lambuzar com a comida de santo. E revela:

E enquanto a Paróquia de São Cosme e São Damião seguia recebendo os fiéis na sala improvisada da Rua Lima e Silva, nº 206, os devotos de Candomblé batiam os atabaques na rua ao lado, nº208. Era lá, que a mãe de santo Xandu festejava a festa dos Ibejis, os orixás gêmeos. Quem ia lá fazer o movimento, era aquele grande pai-de-santo da Bahia, que se chamava Joãozinho da Goméia. Ele que fazia lá o preceito dele. Eu 206 e ele 208. Dava muito bem. Passava lá dias e dias batendo aquele negócio durante o dia. Quando era de noite, em atenção ao vigário que estava ali perto, ele diminuía o ritmo [...]. Ele fazia aquele São Cosme com muita comida, depois mandava aquela bandeja pra mim.

Conforme afirmações, notamos que existia pacífica convivência e respeito entre os fiéis das distintas crenças, resta saber qual a realidade atual e como essas celebrações ocorrem nos dias atuais. Hoje a paróquia de São Cosme e São Damião não está sediada em uma pequena sala. Há muito já conta com uma igreja, construída em 1949. Também não há mais o terreiro da velha ialorixá ao lado.

A Reportagem “*Caldeirão dos orixás*”⁹ também ilustra a convivência religiosa entre as duas religiões, logo no subtítulo afirma: “*Caruru servido na data dedicada aos santos católicos tem origem no culto aos Ibejis*”. Mais uma reportagem que destaca o sincretismo presente na tradição:

Arrancados nas senzalas e proibidos pelos seus senhores de cultuar seus próprios deuses, os negros trazidos para a Bahia acabaram reconhecendo nos santos Cosme e Damião à pureza, ingenuidade e benevolência dos orixás crianças. Na casa daqueles que crêem e vivem a alegria da santidade infantil, as tradicionais imagens dos santos irmãos aparecem acompanhadas de uma pequena estatueta feita de barro. São os Ibejis para os negros iorubás, ou vunjis, para os bantos, que representam os orixás gêmeos africanos. E esse mesmo espírito pueril permanece reservado não só em grande parte dos lares,

⁹ Jornal A Tarde, 27 de setembro de 2006.

mas nos terreiros de toda a Bahia. [...] Por serem considerados espíritos infantis, os ibejis são muito confundido com os erês, que na verdade são espíritos intermediários, mensageiros (JORNAL, A TARDE, Salvador, 27/09/2006).

O jornal comete um equívoco ao afirmar que a estatueta de Ibeji tem como matéria-prima o barro, quando sabemos que são confeccionadas em uma madeira específica. “*Ibeji é cultuado na madeira pelo laço que tem com seu pai Xangô*”¹⁰.

Ainda hoje, mesmo nas casas onde diz que o “caruru não é de preceito”, ricos e pobres da Bahia dão de comer aos santos mabaças, colocando a alegria da infância em um plano sagrado, vivenciando intensamente o sincretismo de princípios católicos e africanos. E, acima de tudo, renovando a fé e esperança na vitalidade das crianças, através de seus principais representantes no mundo espiritual do povo baiano, por intermédio de São Cosme e São Damião¹¹.

A partir de 2000 o Jornal A Tarde e o Correio da Bahia começam a publicar notas mais explicativas e melhor fundamentadas no que diz respeito às diferenças entre o Orixá Ibeji e estado-de-erê, sobretudo a representatividade e importância da tradição para os adeptos do Candomblé e católicos, tendo como contribuição em inúmeras reportagens depoimentos dos antropólogos Ordep Serra; Vivaldo da Costa Lima; Wilson Caetano; alguns membros do Candomblé, entre outros estudiosos e religiosos. A mais característica é a reportagem a seguir:

Na tradição africana, ter gêmeos na família é um presente divino. No caruru, o homenageado é o orixá Ibeji, relacionado com gêmeos e, não por acaso, sincretizado com os gêmeos São Cosme e São Damião. [...] em iorubá o sufixo *aji* significa dois, por isso o uso do termo Dois-Dois é muito frequente nas cantigas que acompanham o caruru, e que são repetidas por até sete vezes (JORNAL, A TARDE – Salvador, 26/09/2004).

Essa foi a reportagem que melhor esclareceu a diferença entre Ibeji e estado-de-erê:

Os Ibejis são filhos de Iansã com Xangô. Geralmente são gêmeos, mas há tradições que dizem que são sete ou nove. Embora correntes, tanto do lado católico como do candomblé, combatam o sincretismo, dizendo que ele atrapalha a identidade de cada uma das religiões, é difícil removê-la da cabeça do povo. E assim os santos gêmeos continuam ganhando o caruru e os doces dos Ibejis. Já os erês são seres intermediários, que marcam a passagem entre o orixá e os iniciados no seu culto. Têm personalidade

¹⁰ Babalaxé Reinado Omon Tiaquim. Entrevista concedida em 03/11/2008, Salvador – Bahia.

¹¹ Jornal A Tarde, Salvador. 27 de setembro de 2xxx. Arquivo Biblioteca Central do Estado da Bahia.

complexa e contraditória. Uma das suas principais características é o comportamento infantil. Por isso costumam ser confundidos com os Ibejis. Que geralmente são conhecidos como divindades gêmeas (SERRA, Ordep).

Conforme Serra, em algumas regiões do mundo iorubá, as pessoas evitam falar em números ímpares. Eles ficam velados, encondidos, pois são considerados perigosos. Na maioria das tradições africanas, os gêmeos são considerados sagrados, uma coisa positiva. *“As mulheres que têm gêmeos devem obedecer cuidados religiosos especiais”*. Devido as características desses orixás crianças, os Ibejis são tidos como forças poderosas e difíceis de obedecer controle. Eles tem a fama de aprontar e são exigentes. Segundo professor, a marca de reverência ao lúdico, próprio do infantil, é que dá beleza ao culto. *“É tudo muito alegre, transformando-se numa grande celebração. Considero essa uma das grandes contribuições dos nossos antepassados negros para civilizar este país, pois eles acabam sacralizando a infância”*. E reafirma:

Os Ibejis não são o mesmo que erês como muita gente pensa. Erê é um ser intermediário, mas também tem um lado infantil, daí a confusão. Todos os dois tem um lado de purificação. Há o costume de se dar o caruru quando a vida está cheia de problemas e, nesses casos, o dono do caruru deve deixar que os meninos limpem as mãos em sua roupa depois de ter comido (JORNAL, A TARDE – Salvador, 26/09/2004).

O Correio da Bahia em 26/09/2004 publica: *“Santos gêmeos: Culto a Cosme e Damião revela a crença híbrida do povo baiano baseada em hábitos ancestrais”*, e define:

Ibejis, orixás crianças do candomblé. E é no culto a esses santos que o baiano expressa sua fé no futuro apontado pelo espírito pueril, no poder dos “meninos”, embalada nas ladainhas cantadas pelas beatas, nos tambores africanos batucados pelos homens e no caruru feito por todos aqueles que acreditam nos mistérios celestiais (JORNAL, Correio da Bahia, 26/09/2004).

Segundo Padre Sadoc:

a comemoração no dia 27 ganhou força porque os jesuítas deixavam que seus escravos fizessem sua festa nessa data. Nesse dia eles não trabalhavam, davam comidas a eles, era um dia festivo e muitos eram libertados. Isso no tempo dos jesuítas. Depois os jesuítas foram embora, expulsos, e então eles continuaram naquele dia 27, mas sem o espírito primitivo. E eles tinham muitos escravos, eram poderosos naquele tempo. Então ai nasceram no dia 27 de São Cosme e São Damião algumas superstições que estão se tornando uma coisa, como se diz, ajustadora.

Interessante destacar que o mesmo sacerdote anteriormente expõe plena tolerância e demonstra como era pacífica sua convivência com os adeptos do candomblé no bairro, todavia no trecho acima define o ritual dos escravos como primitivo, referindo-se a resignificação do culto imposta pelos jesuítas, de maneira pejorativa conceituando o culto como selvagem.

Mas tanto rigor não era capaz de impedir as manifestações dos negros da Bahia. Inicialmente impedidos de cultuar seus ancestrais africanos, os escravos passaram a associar a festa de São Cosme e São Damião ao culto dos Ibejis. Em *Bahia: Imagens da terra e do povo*, Odorico Tavares já observava a mistura de crenças que deu origem às manifestações religiosas nas ruas da capital. Conforme autor “*no Brasil, a devoção trazida pelos portugueses misturou-se com o culto aos orixás-meninos da tradição africana. [...] São Cosme e São Damião são populares em todo o Brasil. Mas é na Bahia que a festa, literalmente, se espalha pelas ruas*”. Os santos católicos acabaram virando representações dos Ibejis, orixás nagôs, cujo culto na África, estão relacionados à rituais de fertilidade.

Cercada de Sincretismo e crenças no sobrenatural, a festa de São Cosme e São Damião é uma das mais belas manifestações religiosas da Bahia. Seja pela música, pela sua culinária ou pelo conjunto de crenças que a envolve.

Em 27/09/2006 o A Tarde noticia: “*Festa de Cosme e Damião celebra o sincretismo: homenagem aos santos integra tradições cristãs, africanas e greco-romanas em ritual que comemora a prosperidade*”. O artigo traz o seguinte histórico:

Quando chegaram ao Brasil, os nagôs – vindos do Golfo do Benin – onde fica Nigéria, Senegal, Togo – trouxeram o culto aos Ibejis (orixás crianças), que para eles significa gêmeos. Na sua cultura, os gêmeos têm destaque, uma vez que a taxa do nascimento de gêmeos é altíssima naquela região da África. Na concepção iorubá, o mundo se apresenta com duas partes que se combinam. Eles acreditam que existe este mundo onde estamos que é o Aiyé, e um outro, chamado de Orun (espiritual). Os gêmeos têm significado especial para os nagôs, são sagrados e misteriosos (SERRA, Ordep).

O antropólogo Vilson Caetano, relata que o culto da fertilidade está presente na cultura africana, em especial quando relacionados aos orixás gêmeos, que na língua iorubá significa Ibeji (*ejí=dois*). No universo afro-brasileiro, os Ibejis recebem como comida ofertada o cortado de quiabo – que, para os nagôs é uma iguaria oferecida aos

ancestrais relacionados com a dinastia de Oió, uma das cidades sagradas do povo iorubá. Ibeji recebe quiabo como oferenda por causa de sua relação com Xangô e Iansã.

Segundo Caetano na África, o quiabo é um alimento próprio de reis e no Egito antigo era um prato especialmente servido aos faraós. Para os iorubás, Xangô representa o pai da grande descendência de Oió e teve muitos filhos. Iansã é seu complemento feminino e as crianças (Ibejis) são a confirmação dessa união. Para os iorubás cada criança que nasce é um ancestral que retorna. O caruru de São Cosme e São Damião é a reprodução do mundo africano. A festa de Ibeji é também um momento de inversão de ordem, daí sua ligação com Exu, o mensageiro dos orixás. Na festa dos Ibejis, os códigos de etiquetas são quebrados. As crianças comem primeiro e da maneira que quiserem. Depois é permitido que limpem as mãos na roupa de quem oferece o caruru. O evento é um grande ebó (oferenda), que traz fartura e fecundidade.

Por fim a reportagem também divulga a “*Corda de Ibeji*” – tradição de mais de 100 anos do Terreiro Ilê Obá do Cobre, localizado no bairro do Engenho Velho da Federação, sob comando de mãe Valnília Oliveira, que mantém o secular costume de sua tataravó, Margarida de Xangô, que criou a corda de Ibeji. Conforme Yalorixá, nenhuma outra casa de santo realiza o ritual dessa forma:

No dia da festa, a corda, que permanece pendurada no barracão durante todo o ano, é enfeitada com muitas frutas, balas e quiabo, tudo amarrado com um talo de dendê. É colocado ali, ainda, um axé, específico de Ibeji (segredo da casa). No dia, tem o ritual normal, o xirê, e tudo acontece como se fosse para um orixá adulto, só que é com as cantigas deles. Antes de as crianças puxarem as frutas, um ogã da casa retira esse axé, que fica de um ano para outro, guardado aos pés de Ibeji. No ano seguinte, a oferenda secreta é despachada e outra é feita. Depois que todos (adultos e crianças) terminam de puxar as frutas, os orixás se manifestam nos filhos-de-santo. E por fim é servido o caruru aos convidados.

Algumas reportagens tem sido apresentadas com textos pedagógicos, aspecto que também contribui para compreensão e representatividade do ritual e da entidade.

A nota a seguir apresenta histórico e mitologia relacionada aos Santos Católicos e ao Orixá Ibeji, convém descrever o mito relacionado ao Orixá Ibeji:

Xangô andava muito aborrecido com algo que vinha acontecendo em seu palácio.

Todas as vezes que sua comida preferida, o amalá, ficava pronta e começava a exalar o cheirinho bom...
Exu aperecia...
... e virava a gamela com a comida.
O que irritava Xangô ainda mais era que Exu ainda debochava dele. Depois saía correndo.
Depois de dias seguidos acontecendo a mesma, Xangô furioso, balançou a cabeça, bateu uma mão na outra. Logo raios e travões sacudiram a terra.
Foi então que seus filhos gêmeos, os ibejis, entraram e perguntaram: o que é que foi meu pai?!
Xangô contou o que Exu andava fazendo e disse que não sabia o que fazer.
- Deixe com a gente, pai!
Xangô ficou emocionado mas pensou: o que esses pedacinhos de gente podem fazer?
Na hora marcada para o amalá, os meninos voltaram. Só que um deles ficou escondido. Então quando o Exu entrou, o Ibeji disse?
- Alto lar que eu tenho uma proposta pra lhe fazer!
A proposta era que no dia ele ia tocar uma música para Exu dançar e que se Exu cansasse não poderia mais entrar no palácio.
- O que tem de pequeno tem de ousado! Aceito a aposta com uma condição. Se tu cansar primeiro eu venho morar aqui!...
- Combinado!
Quando Exu se retirou, o Ibeji pediu que seu pai fizesse um batá (tipo de tambor), e o colocasse próximo a uma porta no canto do palácio. No dia marcado, Exu chegou e o Ibeji tocou o batá. Exu começou a dançar no ritmo do tambor e de forma inebriante. Parecia em êxtase!
E assim continuaram por horas. Mas o que o não sabia era que, quando o Ibeji começava a se cansar, trocava de lugar com o irmão escondido atrás da porta.
Por fim, o Exu não aguentou e caiu, completamente exausto. Antes de partir ele fez um pedido a Xangô:
- ...deixe um pouco do almoço lá fora?!
A questão estava resolvida!
- Eis os meus filhos Ibejis, os dois-dois. São duas crianças que chegam onde os adultos não chegam! (JORNAL, A TARDE. 25/09/2007)¹².

Isso esclarece o poder e a importância que os Ibejis tem para a religião e para os adeptos que o cultuam. Conforme Yalorixá BJ¹³ *“Ibeji é um orixá que deve ser respeitado como qualquer outro orixá. São gêmeos que morreram rapazes, é um orixá jovem, que pensa, que resolve, é adulto, não tem diferença dos outros orixás”*.

Para finalizar análise dessa tradição celebrada pelo sincretismo. Cabe notar que conforme já analisava Lima (2005), *“as figuras dos Ibejis na Bahia têm sofrido eventuais equívocos interpretativos”*, ficando cada vez mais difícil discernir as matrizes das respectivas religiões. Podemos perceber essa fusão/confusão na matéria: *“Ajeum de*

¹² História contada por Ebomi Cici de Souza, do Terreiro Aganju. Tem uma experiência em contar histórias, participa do Projeto Griô, que permite a preservação de contos da religiosidade e cultura afro-brasileira, pesquisadora da Fundação Pierre Verger, em Salvador.

¹³ Entrevista concedida em 06/11/2008, Salvador – Bahia.

*Cosme, Damião e família*¹⁴”. Texto que possui informações extremamente confusas para entendimento do ritual e das diferentes crenças na Bahia, quando expõe: “Feijão-preto, milho (amarelo e branco) e feijão fradinho são para agradar aos orixás adultos, que tem Cosme e Damião como filhos”.

Notamos que Ibeji é definido como Santos Católicos; o feijão-preto é oferenda do orixá Obaluaê e milho branco de Oxalá. Conforme mitologia já consultada, Obaluaê e Oxalá não são pai de Ibeji¹⁵. A única informação correta é referente ao feijão-fradinho (oferenda de Oxum) que é mãe adotiva de Ibeji.

Um chef de cozinha, historiador e iniciado no candomblé, afirma que, o nome do caruru ficou pela popularidade do prato feito com quiabo, mas todos os elementos têm o mesmo valor porque cada um deles é uma oferenda para um orixá diferente e Cosme e Damião são considerados os filhos de todos os orixás, mais uma vez ocorre fusão entre os santos das diferentes crenças. E segue:

O caruru propriamente dito é feito para agradar Xangô; o feijão fradinho e o inhame são comidas de Ogum e o feijão preto e a pipoca fazem referência à Obaluaê. O “ajeum” (algo equivalente a banquete, em iorubá) ainda inclui milho branco para Oxalá, farofa amarela e xinxim de frango para Exu e banana frita para Oxumarê. Para Cosme e Damião, os Ibejis (crianças), a iguaria é a rapadura. Balas e bombons também podem ser servidos no prato. (JORNAL, A TARDE, 27/09/2008).

O historiador esquece-se de afirmar que além de agradar Xangô, o amalá também agrada o orixá Ibeji. Percebermos nas entrelinhas completa confusão relacionada às oferendas específicas à cada entidade. Não apenas nesse artigo, mas todos os jornais analisados tratam a religiosidade afro-brasileira limitada à apresentação de informações com ênfase no sincretismo, com alargamento de discurso que associam o imaginário afro-brasileiro ao universo religioso católico.¹⁶

¹⁴ Jornal A Tarde, 27/09/2008.

¹⁵ Ver PRANDI, R. Mitologia dos Orixás.

¹⁶ CUNHA, M. 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens dos Ibejis são conhecidas há muito tempo na Bahia. Nina Rodrigues já as divulgava em seu artigo *As belas artes dos colonos pretos do Brasil*. Entretanto elas têm sido objeto de uma série de mal entendidos interpretativos.¹⁷

As considerações de Lima a esse respeito traduz o discurso que identificamos em algumas das reportagens analisadas. Encontramos nesses registros dados confusos e complexos para entendimento do culto na cultura local, o que impossibilita a “real” definição da entidade e devoção, dessa maneira a cada dia torna-se mais complicado discernir o que é do candomblé e o que é catolicismo.

Foram analisados os Jornais A Tarde e Correio da Bahia. É importante destacar que todas as matérias analisadas estão registradas nas datas de 26 e 27 de setembro (dia/mês consagrado pela Igreja Católica aos Santos Católicos São Cosme e São Damião). E, principalmente que maior parte das notas possui registros de imagens dos Santos católicos, apenas a partir de 2000 que as matérias trazem maior registro do orixá Ibeji e de elementos da religião afro-brasileira.

Esta questão apresenta-se em texto e imagem, sendo quase sempre usadas conceitos de santos católicos para a identificação paralela de divindades do panteão africano, em composição de elementos afro com católicos. Neste caso, imagem e discurso revelam de forma evidente, a permanência do Sincretismo em uma determinada prática cultural afro-brasileira, não mais como instrumento para velar práticas religiosas proibidas, mas como “indicador de um processo no qual fusão de referências culturais diversas originam novos significados e representações, trazem culturas híbridas e traduções produzidas em fronteiras culturais”.¹⁸

Desse modo o candomblé é abordado não no ponto de vista da sua importância como centro de produção reelaborada em termos de saberes e resignificações de tradições, mas como práticas religiosas animistas, classificadas nas entrelinhas como

¹⁷ LIMA, V. 2005.

¹⁸ CUNHA, M. 2006.

seita, folclore, preceito. Enfim, destacam-se matérias que idealizam religiões africanas e afro-brasileiras como variantes da religiosidade popular, como práticas à margem da religião católica.

Referências

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. *Teatro de Memória, Palcos de esquecimentos: culturas africanas e das diásporas negras em exposições*. Tese de Doutorado em História Social da Universidade Católica de São Paulo – PUC –SP, 2006.

LIMA, Vivaldo da Costa. *Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África*. Salvador: Corrupio. 2005.

LÜHNING, Angela. *O mundo fantástico dos êres*. Revista USP, Dossiê Brasil/África. Vol. 18 Jun/Jul/Ago, 1993.

PIZZOFERRATO, Pietro. *O sentido da obrigação: a problemática do dinheiro e da retribuição pelos serviços recebidos dentro do candomblé*. Dissertação de Mestrado: Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos – Universidade Federal da Bahia (CEAO). Pág. 37-40, Outubro 2008.

SANTOS, Edmar Ferreira. *O poder dos Candomblés: perseguições e resistência no Recôncavo da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2009.

TRINDADE-SERRA, Ordep José. *Na Trilha das Crianças: os êres num Terreiro Angola*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília. Pág. 85-105, 1978.

Jornais

A TARDE, Jornal. *Terreiros e Igrejas da Bahia fazem hoje a festa dos santos gêmeos, Cosme e Damião*. Salvador, 27 de setembro de 1976.

_____. *Carestia não reduz a fé em Cosme e Damião*. Salvador, 27 de setembro de 1981.

_____. *O setembro de Cosme, Damião e Ibejis*. Salvador, 27 de setembro de 2003.

_____. *Religião, Cultura e ciência aos pés dos gêmeos*. Salvador, 26 de setembro de 2004.

_____. *Caruru de Cosme e Damião atrai os amantes de dendê*. Salvador, 24 de setembro de 2005.

_____. *Festa de Cosme e Damião celebra o Sincretismo*. Salvador, 27 de setembro de 2006.

_____. *Festa de Menino*. Salvador, 25 de setembro de 2007.

_____. *Ajeum de Cosme, Damião e família*. Salvador, 27 de setembro de 2008.

_____. *Caldeirão dos orixás*. Salvador, 27 de setembro de xxxx.

_____. *Devoção de sete meninos*. Salvador, 27 de setembro de xxxx.

CORREIO DA BAHIA. Jornal. *Santos gêmeos*. Salvador, 26 de setembro de 2004.